

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

VANESSA LUIZ DE OLIVEIRA

RELIGIOSIDADES AFRICANAS

Juiz de Fora

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OLIVEIRA, Vanessa Luiz de.

Religiosidades Africanas / Vanessa Luiz de OLIVEIRA. – 2017.
35 f.

Orientador: Marcos Dias COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Religiosidades africanas. 2. História da África. 3. ancestralidade. I. COELHO, Marcos Dias, orient. II. Título.

VANESSA LUIZ DE OLIVEIRA

RELIGIOSIDADES AFRICANAS

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África da Faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História da África.

Juiz de Fora

2016

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	5
2 RELIGIOSIDADES AFRICANAS	9
2.1 A religião africana ancestral	9
2.2 Os princípios vitais constitutivos do homem	13
2.2.1 O Corpo	13
2.2.2 O Duplo	13
2.2.3 O Princípio vital de eternidade	15
2.3 O Nome	15
2.4 O dom da palavra	16
2.5 Os conceitos de bruxaria e feitiçaria na perspectiva africana	17
2.6 Os desafios impostos à religião africana ancestral	20
2.7 Conclusão	21
Glossário	23
Referências bibliográficas	24
Questões sobre a temática	25
3 PORTFÓLIO	26
Histórias de vida e memória	26
Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis	28
Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas	30
Considerações finais	34

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de ilustrar alguns aspectos da cultura africana com foco na religiosidade. Busca-se inserir em sala de aula, no ensino regular, a temática da religiosidade africana. A finalidade do recurso didático produzido é ampliar o leque de abordagens sobre o continente africano no ensino regular, trazendo novas temáticas para a discussão em sala de aula. De um modo geral, a intenção é voltar o olhar para África a partir da riqueza de aspectos a serem estudados, trazendo em questão elementos que nos auxiliam na luta contra o preconceito e discriminação racial. A partir da leitura das obras de renomados autores que abordam os aspectos culturais africanos, como a tradição oral africana, a concepção de história em África, a religião africana ancestral e sua ligação a cultura africana, a ancestralidade e os elementos inerentes as crenças religiosas, tornou-se possível a realização desse estudo. O recurso didático foi construído no modelo de um capítulo de um livro, no caso um livro didático de História por exemplo, o material foi pensado para alunos dos anos finais do ensino fundamental.

O interesse pelo tema religiosidades africanas surgiu a partir das discussões engendradas no curso da Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África. Nessa direção, foram de suma importância as discussões acerca da África no sentido polissêmico, o aprofundamento do conhecimento sobre o continente africano e principalmente a aplicabilidade dessas questões no cotidiano escolar. Outro fator importante que desperta o meu interesse acerca da temática em questão é a constatação de que há uma restrita produção didática sobre religião na África. Apesar dos avanços nas pesquisas que tratam o continente africano, observa-se que este ainda é pouco abordado em materiais didáticos.

A metodologia adotada neste trabalho baseia-se no estudo do material relacionado a religião em África, seguido da síntese do material para a construção do referido estudo. Isto posto, julgo necessário indicar as bibliografias utilizadas. O texto “A questão ancestral” do autor Leite (2008) privilegia dados afeitos a constituição do homem natural-social, configurado como pré-ancestral. O autor afirma que a constituição do homem natural é dada por uma pluralidade de elementos vitais naturais, desse modo, o ser humano em sua totalidade torna-se capaz de adquirir a condição de ancestral. Leite (2008) afirma que a passagem do homem natural ao homem natural-social envolve os processos de socialização, do qual se destaca a iniciação. O autor citado analisa nas sociedades africanas Iorubá, Agni e Senufo os princípios constitutivos do homem e a concepção dessas sociedades sobre o corpo, o duplo e o

princípio vital de eternidade. Nessa perspectiva, elementos de ordem e natureza social, como o nome, contribuem para definir a personalidade do homem.

O texto “Na casa de meu pai” do autor Appiah (1997) examina aspectos da cultura africana “tradicional”, anterior aos impérios europeus. Appiah (1997) analisa a “questão da modernidade” e as crenças religiosas africanas ditas “tradicionalistas”. O autor discorre sobre a natureza e o sentido de modernidade fazendo o exercício de compreender o moderno através de sua antítese, o tradicional. Desse modo, Appiah (1997) propõe esclarecer algumas mudanças em curso na África, examinando alguns dos modos pelos quais a experiência de colonização e interação com o Ocidente produziram uma cultura de transição da tradição para a modernidade. O autor parte do elemento religioso para mostrar essa questão.

O autor Evans- Pritchard (2005) em “Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande” trabalha os conceitos de bruxaria e feitiçaria na sociedade Azande. A lógica da bruxaria e feitiçaria se mostra presente na vida cotidiana e nas relações sociais. Essas são explicações de infortúnio, no qual a manipulação do duplo pode causar malefícios.

O texto “A religião na África durante a época colonial” do autor Opoku (2010) aponta as implicações no campo cultural e religioso com a instauração do domínio colonial europeu na África. O referido autor ao traçar um panorama da vida religiosa na África antes e após o domínio colonial, ilustra a ligação entre religião africana ancestral e cultura africana. Ele indica que a presença da religião africana ancestral dá o tom na visão de mundo e compreensão da natureza do universo e percepção do sobrenatural. Assim, o autor aborda a concepção de ser humano e as partes que o constituem. Além disso, Opoku (2010) sinaliza que com a imposição do domínio colonial criam-se igrejas separatistas e um cristianismo africano singular.

Hama e Ki- Zerbo (2010) na produção do “Lugar da História na sociedade africana” aponta que o homem africano faz e tem uma concepção de história. Nesse sentido, a consciência histórica é um reflexo de cada sociedade.

Hampaté Bá (2010), por sua vez, no texto “A tradição Viva” afirma que durante muito tempo questionou-se a questão de povos sem escrita serem povos sem cultura. Desse modo, o livro era tido como principal veículo da herança cultural e o testemunho escrito era visto como mais fiel do que o testemunho oral. O autor indica que na tradição oral africana a origem da palavra é divina e o testemunho oral é transmitido de geração em geração numa cadeia fidedigna, recuperando todos os aspectos da vida.

No que concerne ao recurso didático, de início, buscou-se tratar da religião africana ancestral, da sua ligação a cultura africana e da sua influência no modo de vida dos povos

africanos. Tendo em vista que a religião africana ancestral engloba a reflexão da essência do preexistente e do ser humano.

O capítulo “Religiosidades Africanas” foi pensado como um capítulo de um livro de História, abordando em alguns tópicos as temáticas relacionadas a religiosidade em África. Pretende-se explicitar o entendimento do preexistente e da constituição do homem. Os princípios que constituem o homem são trabalhados mais detalhadamente, sendo eles o corpo, formado pela parte material e imaterial, o duplo e o princípio vital de eternidade. O nome também se configura como um elemento de origem e natureza social de importante relevância na personalidade do indivíduo. Este é atribuído a partir de condições sociais sagradas e de nascimento.

No próximo item, “O dom da palavra”, ressaltamos que a história e a herança africana se apoiam na tradição oral. As sociedades orais têm um forte elo entre o homem e a palavra, sendo que esta última tem um valor moral e sagrado. A fala pode ser identificada como um elemento utilizado para destruir ou beneficiar outrem.

Logo, tratamos dos conceitos de bruxaria e feitiçaria na perspectiva africana. O foco é a concepção de bruxaria e feitiçaria na sociedade Azande e o seu entendimento enquanto parte da vida cotidiana e social. Por fim, apontamos os desafios impostos à religião africana ancestral, ressaltando que com a imposição colonial na África, a religião foi um elemento que sofreu forte imposição de valores europeus. Logo, a religião foi uma forma de resistência, assimilando algumas concepções cristãs, mas mantendo suas bases africanas ancestrais.

Ante o exposto, destacamos a importância da temática religiosa africana, uma vez que se mostra como um aspecto inerente à cultura africana. E, ainda, mostra-se um elemento importante de ligação entre a cultura africana e a cultura brasileira, que nos permite aproximar do entendimento das religiões afro brasileiras. Um dos preconceitos mais comuns, quanto aos africanos e afro-descendentes, é com relação as suas práticas religiosas e uma suposta ação maligna atribuída a elas. O conhecimento da religiosidade africana nos auxilia na luta contra o preconceito, pois o conhecimento nos livra de opiniões equivocadas e juízo de valores. De um modo geral, trabalhar com a cultura africana, destacando sua riqueza e diversidade, abre novos horizontes e novas perspectivas para os alunos.

O material didático produzido, em forma de um capítulo, tem o intuito de ser utilizado nos anos finais do ensino fundamental, anexado aos conteúdos de história da África.

Com relação ao portfólio, que se encontra na terceira parte do presente trabalho, o conteúdo foi produzido durante o curso e compreende quatro partes. A primeira parte foi intitulada como “Histórias de vida e memória”, foi construída a partir de uma narração de nós

mesmos, com relatos de nossas experiências pessoais. Nesse primeiro momento analisei minha trajetória escolar durante a educação básica e na Graduação em História, cursada na Universidade Federal de Juiz de Fora. A partir dos conhecimentos acerca dos estudos de história da África durante a educação básica e durante a Graduação em História, descrevo o que me motivou, e de certa forma, me levou a fazer o curso voltado para a temática dos estudos africanos.

Na segunda parte do portfólio, denominada “Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis”, descrevo alguns módulos estudados no curso e a influência destes no modo de pensar o continente africano, a partir de um novo olhar e novas abordagens.

A terceira parte, chamada de “Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas”, mostra algumas propostas de temas tratados no curso, para serem trabalhados na escola ou em outro ambiente profissional. Nessa parte coloco algumas propostas de temáticas africanas que gostaria de explorar em sala de aula. Além disso, enfatizo dentre as questões tratadas no curso, os recortes temáticos que mais me chamaram atenção.

Ao final do portfólio, nas “Considerações finais”, relato a importância da especialização em História da África no meu desenvolvimento profissional e pessoal.

De um modo geral, o portfólio foi um elemento de reflexão ao longo do curso, explicitando as questões trabalhadas, a troca de experiências e evolução pessoal. Construir o portfólio foi uma experiência ímpar, o processo de elaboração foi dinâmico e flexível. A divisão do portfólio em partes, contribuiu para uma visão das etapas do curso e da nossa auto avaliação enquanto discentes.

2 RELIGIOSIDADES AFRICANAS

O presente capítulo pretende:

- Analisar a religião africana ancestral, evidenciando seu vínculo à cultura e ao modo de vida das sociedades africanas;
- Estudar os aspectos e crenças inerentes à religião africana ancestral, com foco nas sociedades africanas Ioruba, Agni e Senufo.

Ao final do capítulo, conseguiremos:

- Compreender a relação direta entre ancestralidade, cultura e religião em África, e como a religião africana ancestral esteve presente em todos os aspectos da vida;
- Identificar e conhecer as bases dessas religiosidades, a lógica presente nessas crenças e práticas religiosas.
- Entender a importância e influência dessas concepções, que estão presentes na formação cultural e religiosa do Brasil.

2.1 A religião africana ancestral

Esse capítulo, pensado como recurso didático, tem como objetivo apontar aspectos da religião africana ancestral, da sua ligação à cultura e da influência direta no modo de viver dos povos africanos. Tal religião, configurando-se como base da sociedade, nos leva a uma visão de mundo particular, bem como a uma percepção própria do sobrenatural, da natureza, das relações sociais e de si mesmo.

O estudo abarca essas cosmologias africanas com ênfase na dicotomia do mundo visível e o “outro mundo”, aquele das entidades espirituais. E, nesse sentido, tem o intuito de ilustrar as bases dessas religiosidades e os aspectos comuns a elas, a prática religiosa e a interação entre esse e o outro mundo. Cabe assinalar que trabalhar a religião em África significa entrar no campo da vida social e cultural, haja vista que os aspectos religiosos permeiam todas as estruturas e o modo de vida dos africanos.

As práticas religiosas instituem interações entre o mundo visível, perceptível aos nossos olhos e ao mundo das entidades espirituais. As cosmologias africanas determinam uma dicotomia entre os dois mundos e conferem as entidades espirituais à sustentabilidade da vida na terra. O caráter religioso está embutido na forma de visão do mundo, da natureza e da

formação do homem. Nessa direção, trabalhar com a religião africana ancestral significa elencar uma série de aspectos culturais africanos. Appiah (1997) adverte que o termo “religião” deve ser utilizado com ressalvas, pois a religião no Ocidente contemporâneo é marcadamente divergente do entendimento de religião na vida tradicional africana. O referido autor aponta a necessidade de compreensão do conteúdo das crenças subentendidas nos atos de uma prática religiosa, ou seja, a compreensão do ritual e das crenças, e em contrapartida a percepção do modo como essas crenças se estabeleceram na cultura, suas origens históricas e o que as sustentam.

A religião africana ancestral relaciona-se fortemente à cultura africana, permeando todos os setores da vida social, fez-se presente no modo de viver dos povos africanos. As suas crenças contemplam uma visão sobre a natureza do universo, sobre os seres humanos e o seu lugar no mundo. A religião africana ancestral abarca a reflexão sobre a essência do preexistente e sobre o âmbito sobrenatural. Assim, configura-se como um sistema que intenta conduzir e pressagiar os acontecimentos do mundo natural.

Na cosmologia africana, o preexistente configura-se como um espírito infindo, fonte de poder, altruísmo e justiça. É visto como criador e pilar do cosmos governa a vida e a morte, do mesmo modo que pune e beneficia os homens de acordo com suas ações.

De forma geral, Deus não se assemelhava aos seres humanos e era totalmente superior a sua criação, mas, ao mesmo tempo, envolvia-se nos negócios dos homens, sustentando a criação e defendendo a ordem moral, assim como os seres humanos repousavam sobre ele enquanto poder que lhes era superior. Deus, portanto, era ao mesmo tempo transcendente e imanente (OPOKU, 2010, p. 592).

No que tange à hierarquia dos espíritos, abaixo do preexistente estavam os espíritos dos ancestrais, e logo os deuses ou deidades, que teriam o poder de beneficiar ou castigar os seres humanos.

Imagem I: Saponá, Sankpata ou Omolu, deidade curadora da varíola. Esta representação é da África Ocidental



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sopona.jpg>

Essas divindades possuíam características da natureza, tinham os seus cultos, os seus sacerdotes e os seus altares, sendo os últimos onde habitavam os deuses na terra.

Imagem II: Templo de Oxum



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/Temple_of_Osun

Há que se ressaltar que além dos deuses sobrenaturais, existiam outros espíritos, ou poderes místicos, marcados pela capacidade de auxiliar ou afetar os seres humanos. Pertencem a esse âmbito, os agentes da feitiçaria, da magia e da bruxaria. Em última estância,

encontram-se os encantos, os amuletos e os talismãs, que são empregados geralmente para proteção ou para o ataque.

Imagem III: Amuletos e objetos sagrados e rituais de Angola:



Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Religion_in_Angola?uselang=pt-br#/media/File:F%C3%A9tiches-Angola.jpg

O preexistente não possui representações materiais, é, portanto, o poder maior de toda a existência.

O preexistente liga-se ainda, seguidamente, àquelas instâncias dos entes sobrenaturais, os quais por uma questão prática chamamos às vezes de divindades. Com isso, propomos uma diferença de substância entre divindades e ancestrais. As divindades constituem manifestações específicas da energia universal que integra a existência total, consubstanciando-se em certos domínios da natureza, mas estabelecendo relações com a sociedade. Por tal motivo, integram também a massa ancestral de uma dada sociedade (LEITE, 2008, p. 28).

A religião africana ancestral concebe o ser humano a partir de uma união da parte material, verificada pelo corpo que se deteriora com a morte, e da parte imaterial, o duplo e o princípio vital de eternidade¹ que sobrevive a esse estágio. Nessa perspectiva, a morte não significa o fim da vida, mas sim uma extensão dela. A crença estabelece que os mortos conservam-se enquanto membros da sociedade ao lado da esfera dos vivos. A morte pode se vincular a causas positivas, entendidas como causas naturais devido ao avanço da idade e pelos sacrifícios rituais, onde a energia vital é doada aos ancestrais simbolizando uma

¹ Ver definições em itens 2.2.2 e 2.2.3.

devolução da vitalidade divina. A modalidade negativa atrela-se à morte súbita, que são causadas por doenças e acidentes; essa modalidade é entendida pela quebra de tabus na sociedade. A forma negativa também compreende as mortes causadas pela ação mágica e pelo descontentamento dos ancestrais. Desse modo, a sociedade é composta pelos vivos, pelos mortos e por todos aqueles que ainda irão existir. O homem, após a morte, para se transformar em ancestral têm que passar por um processo de preparação. Há que se ressaltar que os ritos funerários englobam os ritos de passagem, aqueles realizados antes do funeral, que intentam a superação do estágio da morte e a noção de uma continuidade. Já os ritos de permanência acontecem após o funeral e prolongam por um longo período, estes têm o intuito de preparar o falecido para se configurar como ancestral e ser introduzido historicamente no panteão social.

Leite (2008, 27) descreve que “o ser humano é constituído por uma pluralidade de elementos vitais naturais os quais, estando em união vital, fazem emergir o homem natural”. Assim, o homem natural é um produto dos princípios vitais naturais expressos pelo corpo, das forças vitais sociais e dos elementos vitais de eternidade, que transformam o homem em um ancestral.

2.2 Os princípios vitais constitutivos do homem

2.2.1 O Corpo

Nas sociedades africanas Iorubá, Agni e Senúfo, o corpo é aquele que representa visivelmente o homem, “é concebido como um complexo externo e outro interno em relação constante” (LEITE, 2008, 29). O aspecto externo constitui-se da cabeça e membros, e marca-se pela noção de movimento e flexibilidade. O aspecto interno do corpo é formado pelas entranhas e os órgãos vitais, no sentido de interioridade, e pela noção de consciência. Após a morte, o destino do corpo enquanto matéria é a desintegração e a transformação em componentes integrantes da terra. Existem proposições que dão margem para a ideia de continuidade do corpo após a morte.

2.2.2 O Duplo

Leite (2008) analisa esse princípio vital caracterizado como o “duplo” nas sociedades Iorubá, Agni e Senúfo. O duplo possui determinadas características nessas sociedades,

portanto, é o princípio que configura a vida em um corpo, pertencendo ao âmbito espiritual. Para a sociedade Ioruba esse princípio é chamado de *Emi*, sopro divino manifestado pela respiração, *Emi* pode ser compreendido por sua manifestação individualizada conhecida como *Ejiji*. Para os Agni o duplo, *Woa Woe*, é o princípio vital que sintetiza as propriedades do corpo, relaciona-se com a energia primordial doada pelo preexistente, é configurado como a individualidade que permite a existência. Aspecto que confere a vivacidade ao corpo. *Woa Woe* é um elemento vulnerável do corpo que pode sofrer interferência.

Uma prova material da existência de *Woa Woe* enquanto princípio de vitalidade é proposta pelas transformações sofridas pelos corpos após os processos caracterizadores da morte: uma vez que *Woa Woe* não mais se encontre unido ao corpo, este não tem vida nem possui seu “duplo” e, então apodrece. Outra prova da existência de *Woa Woe* é dada pela manipulação e apropriação por parte de indivíduos capazes de o fazer (LEITE, 2008, p. 32).

A sociedade Senúfo acredita que *Neri* é o que define o ânimo e a possibilidade de ação ao corpo, sendo o elemento que possibilita as propriedades energéticas ao corpo.

[...] podendo tratar-se do fluido ou sopro vital originado do preexistente, uma das provas da existência de *Neri* é dada pela proposição segundo a qual ele pode transparecer em sua forma individualizada de “duplo”. Nesse estado, é atingível e mesmo apropriável, caso em que provoca a diminuição das energias vitais do indivíduo e até sua morte. *Neri* pode ter sua energia diminuída, mas também aumentada, quando é utilizado por seus apropriadores com o fim de aumentar sua vitalidade. Mas *Neri* reveste-se ainda de outra característica: pode constituir-se em uma energia deletéria e vingativa após a morte do corpo, dirigindo suas ações contra antigos inimigos (LEITE, 2008, p. 34).

O duplo após a morte do corpo de um indivíduo pode constituir um novo homem ou se reintegrar a massa originária, marcado por uma concepção de continuidade. O duplo pode ser manipulado pelos próprios indivíduos, através de uma qualidade natural ou de uma iniciação específica, ou pode ser alvo de outros e sofrer interferência prejudicial. Essa manipulação do duplo envolve uma relação de força entre indivíduos; tal problemática aponta para a possibilidade de aumento e diminuição da energia. Leite (2008) indica a figura dos “comedores de alma” como aqueles que se apropriam de duplos para o aumento de sua própria energia, ocasionando na morte do corpo da pessoa vitimada.

Em síntese, o duplo nessas três sociedades é visto como uma propriedade vital do corpo responsável pela individualidade que permite a existência. Assim, é a energia de origem divina doada pelo preexistente, pode ser entendido como o fator que mantém o corpo vivo, e também como um aspecto passível de interferência, através de sua manipulação por outrem.

2.2.3 O Princípio vital de eternidade

Esse princípio é o que individualiza a personalidade e o destino de cada pessoa, assegura ao ser humano a capacidade de integrar-se socialmente. Segundo Leite (2008), para os Ioruba e para os Senufo, após a morte do corpo, o princípio vital de eternidade reencarna-se nos recém-nascidos da mesma família ou passa a integrar o panteão ancestral relacionada ao seu grupo social. Enquanto que para a sociedade Agni este princípio dirige-se ao país dos ancestrais do grupo ou reencarna-se, sendo também possível renascer em outro grupo familiar. O princípio vital de eternidade configura-se como o elemento responsável pelo caráter de cada indivíduo. Este princípio consiste na ligação entre o indivíduo e o sagrado, é indestrutível e inextinguível.

2.3 O Nome

Outro aspecto singular relacionado à personalidade nas sociedades africanas é o nome. Este tem origem e natureza social; o ato de atribuir um nome a determinado indivíduo está vinculado a valores históricos de um grupo. O nome é atribuído a partir de condições sociais, sagradas e de nascimento. No que concerne à perspectiva social, o nome pode estar vinculado com a posição e o período de nascimento da criança, com a tonalidade da pele, com seus antepassados e costumes. Em relação às condições sagradas, os nomes podem ser dados de acordo com a vinculação da criança aos seus ancestrais. As condições de nascimento e as circunstâncias de ordem física também são fatores decisivos para a escolha do nome, que se relacionam com o sexo do bebê, a forma de seu nascimento e a posição que ocupa entre os irmãos. As crianças que nascem com os pés aparecendo antes da cabeça revelam um fato

Aiyedun (Ioruba): Significa “a vida é doce”. Nome dado a criança que se suspeita ser um *Abiku*, crianças que nascem e morrem.

Ige (Ioruba): Nome atribuído a crianças nascidas com os pés aparecendo antes da cabeça.

Ojo e Aina (Ioruba): Nomes dados a crianças que vêm ao mundo com o cordão umbilical enrolado no pescoço. *Ojo* é a denominação para o menino, e *Aina* para a menina.

Nda (Agni): Nome atribuído aos gêmeos. Quando os gêmeos são de mesmo sexo *Nda-Tele*, e quando são de sexos diferentes *Taki-Na-Nda*.

Anuma (Agni): Denomina-se assim a primeira criança nascida após gêmeos, para marcar essa condição.

Nalourogo (Senufo): Significa “o que voltou”. Nome dado a criança que sobrevive, após o falecimento sucessivo de seus irmãos.

especial, e os gêmeos também são símbolo de fertilidade em algumas sociedades. O nome pode ser adotado ao longo do desenvolvimento da pessoa no contexto social.

2.4 O dom da palavra

A história africana e a herança de todos os conhecimentos se apoiam na tradição oral. Ela é o testemunho transmitido de geração a geração através de uma cadeia fidedigna das memórias individuais e coletivas de uma determinada sociedade. Cabe assinalar que essas sociedades orais são marcadas pela forte ligação entre o homem e a palavra e pela função da memória extraordinariamente desenvolvida. A palavra tem um valor moral e sagrado, a fala deve ser utilizada com prudência e comprometimento, uma vez que é a expressão do poder divino.

A tradição oral africana não se limita a relatos históricos ou lendas, ela recupera todos os aspectos da vida, no qual o material e o espiritual são indissociáveis. Hampaté Bâ (2010) afirma que a palavra é uma força fundamental que emana do criador e que o homem recebeu uma parte do poder divino através do dom da mente e da palavra. Elementos sociais, mágicos e religiosos, se sobrepõem para preservar a fidelidade da transmissão oral. A tradição oral africana concebe a fala como um dom de Deus, a palavra coloca em movimento as três potencialidades humanas: o saber, o querer e o poder.

Hampaté Bâ (2010, p.170) exemplifica o mito da criação do universo e do homem, nas tradições da savana ao sul do Saara.

[...] a Palavra, *Kuma*, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, *Maa Ngala*, criador de todas as coisas. Ela é o instrumento da criação: “Aquilo que *Maa Ngala* diz, é!”. [...] quando *Maa Ngala* sentiu falta de um interlocutor, criou o Primeiro Homem: *Maa*. “Não havia nada, senão um Ser. Este Ser era um Vazio vivo, a incubar potencialmente as existências possíveis. O Tempo infinito era a moradia desse Ser Um. O Ser Um chamou-se de *Maa Ngala*. Então ele criou ‘*Fan*’, Um Ovo maravilhoso com nove divisões No qual introduziu os nove estados fundamentais da existência. Quando o Ovo primordial chocou, dele nasceram vinte seres fabulosos que constituíram a totalidade do universo, a soma total das forças existentes do conhecimento possível. Mas, ai!, nenhuma dessas vinte primeiras criaturas revelou-se apta a tornar-se o *interlocutor* (*kuma-nyon*) que *Maa Ngala* havia desejado para si. Assim, ele tomou de uma parcela de cada uma dessas vinte criaturas existentes e misturou-as; então, insuflando na mistura uma centelha de seu próprio hálito ígneo, criou um novo Ser, o Homem, a quem deu uma parte de seu próprio nome: *Maa*. E assim esse novo ser, através de seu nome e da centelha divina nele introduzida, continha algo do próprio *Maa Ngala*”.

O autor citado prossegue relatando que as palavras eram divinas, pois provinham de *Maa Ngala* para homem, após o contato com a materialidade perderam um pouco dessa divindade, mas se sacralizaram através da comunicação estabelecida com *Maa Ngala*. Hampaté Bâ (2010) aponta que a fala tem um poder e um peso muito grande, pois além de ser um elemento do criador, pode destruir ou conservar algo. Nas tradições africanas quem mente ou falta com sua palavra “mata sua pessoa civil, religiosa e oculta, se separa de si mesmo e da sociedade” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 174). No contexto religioso e ritual, e na magia a fala é o principal agente, as palavras têm que serem proferidas num determinado ritmo e entonação.

2.5 Os conceitos de bruxaria e feitiçaria na perspectiva africana

Na ótica da sociedade Azande, a magia e a bruxaria se configuram como algo que faz parte da vida cotidiana, um fenômeno inerente às relações sociais e a base para percepção de outras crenças. Os conceitos de feitiçaria e bruxaria têm significados distintos nas religiões africanas e nas religiões cristãs. Na cultura Azande a bruxaria e a feitiçaria aparecem como explicações para o infortúnio. Evans- Pritchard (2005) analisa as relações dessas crenças com os ritos entre os Azande, e relata o entendimento dessas práticas nessa sociedade. Na perspectiva adotada pelo autor é possível identificar vários aspectos sobre essas relações às quais permeiam a religiosidade africana.

Entre os Azande, a bruxaria está intrínseca a determinadas pessoas, acreditam que elas podem fazer o mal através de um ato psíquico. Os Azande diferenciam substancialmente os bruxos e os feiticeiros. Aqueles primeiros não praticam ritos e não possuem drogas mágicas, tampouco proferem encantamentos, já os feiticeiros utilizam-se dos ritos mágicos para atingirem determinado indivíduo.

Nesse sentido, a feitiçaria conforma-se no ato de intervir e manobrar as forças ocultas para alcançar determinados objetivos, sejam eles bons ou ruins. A magia pode visar purificar e repor as forças em equilíbrio. A bruxaria é uma capacidade psíquica de fazer malefícios aos demais, garantindo o benefício próprio do bruxo. As convicções e práticas de bruxaria são algo comum e recorrente na vida social, denominada como “Mangu”, os Azande consultam oráculos, adivinhos e usam do curandeirismo para se munirem contra ela. A bruxaria é entendida entre os Azande como uma substância presente no corpo dos bruxos, não há precisão quanto ao local onde está alojada e não existem sintomas externos para a identificação de um bruxo. No passado, a substância bruxaria podia ser identificada e extraída

através da abertura do ventre, por meio de autópsias, e também poderia ser comprovado se o morto era um bruxo.

Imagem IV: Feiticeiro Azande



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Niam-Niam_medicine_man_or_shaman,_equatorial_Africa.Haft_Wellcome_V0015964.jpg

Evans- Pritchard (2005) afirma que a bruxaria é um fenômeno hereditário, transmitido dos pais a seus filhos. A transmissão biológica da bruxaria acontece dos pais para os filhos do mesmo sexo, portanto, o pai transmite para os filhos e a mãe para as filhas. Essa concepção é marcada pela união das propriedades psíquicas da mulher e do homem. Nasce uma menina quando a alma da mulher é mais forte, e nasce um menino quando a alma do homem prevalece. Dessa maneira, uma menina tem mais da alma da mãe do que do pai, e um menino mais da alma de seu pai, do que de sua mãe. Em teoria, quando um homem é comprovadamente bruxo, os seus antepassados e os demais homens de seu clã, são bruxos também. Na prática, os Azande consideram bruxos apenas os parentes paternos mais próximos de um bruxo confirmado. Existem alguns artifícios que os homens pertencentes a determinado clã (onde há identificação de um bruxo) podem se valer para não serem evidenciados como bruxos. A exemplo da negação de que um bruxo reconhecido pertença biologicamente ao seu clã; é alegado se tratar de um bastardo.

Na doutrina Zande, um indivíduo pode conter a substância bruxaria em seu corpo e não a utilizar, podendo ser ineficiente durante toda a vida, o que implica em não ser reconhecido como bruxo. Evans- Pritchard (2005) indica que os Azande não possuem um interesse teórico no assunto, visto que o que está em foco é a ação, a bruxaria na prática. Os Azande pensam a bruxaria de uma forma impessoal, sem referência particular a bruxo ou

bruxa, mas “o conceito bruxaria é uma força pessoal que é generalizada na linguagem” (EVANS-PRITCHARD, 2005, 45). A grande preocupação em relação a crença é em como lidar com os infortúnios causados as pessoas. Nas consultas aos oráculos, procedimento capaz de identificar a bruxaria nos indivíduos, o que era comumente perguntado pelas pessoas é se determinado individuo está fazendo bruxaria naquele momento para elas. Com a resposta do oráculo é possível identificar se a pessoa apontada é bruxo ou não. Assim, se o oráculo confirmar que um homem está fazendo o mal para você naquele momento, ele é bruxo, caso contrário elimina-se essa hipótese. O interesse na bruxaria é restrito as situações particulares e individuais, e se restringem a quem está “embruxando”, aos que causam males em determinada situação. Caso as pessoas sejam constantemente apontadas pelos oráculos como as responsáveis pelas enfermidades causadas, atribuem-se a estas o reconhecimento de bruxos. A responsabilidade de morte por bruxaria é unicamente exclusiva do bruxo, portanto, não recai sobre os seus parentes.

A substância-bruxaria cresce de acordo com o corpo e com o avanço da idade, quanto mais velho o bruxo, maior o poder da bruxaria, desse modo, as pessoas idosas são as mais temidas. Na crença, a bruxaria atua quando existe aversão entre o bruxo e o seu desafeto. As consultas mais comuns ao oráculo de veneno são sobre suspeitos do mesmo sexo. As crianças não são mencionadas, pois não é comum animosidades com os adultos, e também a bruxaria cresce com a idade, sendo mais fraca nos jovens. As mulheres não podem consultar o oráculo, a consulta fica a cargo de seu esposo ou irmão. Também não é comum os homens consultarem o oráculo a respeito de suas esposas ou outras mulheres, e a respeito de pessoas de prestígio. Desde cedo a bruxaria é conhecida pelas crianças e jovens, no entanto, a verdadeira compreensão da natureza da bruxaria acontece a partir da experiência social, quando já é possível consultar os oráculos e lidar com as situações de infortúnio e de praticar a magia.

A bruxaria é entendida como algo inerente ao organismo humano, mas sua ação se dá no âmbito psíquico. O conceito de duplo elimina a distância física entre o bruxo e sua vítima. Nessa perspectiva, o duplo do bruxo abandona o corpo e sai para causar infortúnios às vítimas durante a noite, enquanto adormecem. O duplo pode ser visto como uma luz brilhante na escuridão, não se configura como o próprio bruxo, mas uma derivação de seu corpo. Nesse caso o bruxo pode estar em sua casa e fazer emanar o seu duplo, definindo um objeto e um caminho a ser seguido. Não é possível fazer mal as pessoas além do perímetro da vizinhança, quando mais longe estiver mais remoto é o alcance da bruxaria. Em relação aos infortúnios, um bruxo não provoca o mal de forma imediata a sua vítima, faz-se necessário a experiência e

a supervisão de bruxos mais velhos para ocasionar a morte de um vizinho. Se uma enfermidade grave cai sobre um homem, este pode estar sendo vítima de feitiçaria.

A lógica da bruxaria e da feitiçaria é um modo de explicação dos infortúnios nas relações sociais, desempenhando um papel de destaque nas diversas atividades da vida. A bruxaria, oráculos, magia, fazem parte de um panorama cultural, religioso e mental. Excluindo algumas situações, como quebra de tabus e regras morais, feitiçaria maligna presente, a bruxaria é atrelada a explicação da maioria dos infortúnios entre os Azande.

A bruxaria permite intervenção e molda o comportamento na sociedade. O fenômeno não é visto como algo excepcional, mas sim como algo imbricado nos acontecimentos cotidianos e naturais em que o indivíduo sofre alguma desventura. A bruxaria é citada como um agente que contribui dentro de determinada situação e leva ao infortúnio. Essa percepção não anula o conhecimento empírico de causa e efeito, há percepção do místico e do natural dentro dos fatos, à crença na bruxaria não exclui o acontecimento natural.

Desse modo, vemos que a bruxaria tem sua própria lógica, suas próprias regras de pensamento, e que essas não excluem a causalidade natural. A crença na bruxaria é bastante consistente com a responsabilidade humana e com a apreciação racional da natureza. Antes de mais nada, um homem deve desempenhar qualquer atividade conforme as regras técnicas tradicionais, que consistem no conhecimento testado por ensaio e erro a cada geração. É apenas quando ele fracassa, apesar de sua adesão a essas regras, que vai imputar sua falta de sucesso à bruxaria (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 59).

2.6 Os desafios impostos à religião africana ancestral

A relação do homem com a sociedade baseia-se no pertencimento a comunidade, o que implica na participação em cerimônias, crenças, rituais e festas. A sociedade é marcada pelo estreitamento das relações, no qual as obrigações se afirmam sobre os direitos individuais.

A concepção da vida humana é compreendida como um ciclo de nascimento, casamento, procriação, morte e vida pós-morte. O indivíduo ao longo da vida passa por várias etapas cumprindo ritos específicos para garantir a continuidade desse movimento nas próximas gerações. A religião africana ancestral é a base das relações entre o homem e o sagrado, portanto, é o que estabiliza e solidifica as sociedades, ajudando na explicação e compreensão dos acontecimentos. Não transgredindo os valores africanos, ao longo do tempo, novos deuses e cultos foram agregados a herança cultural e religiosa, visto que era comum os grupos vencidos em guerras adotar os deuses do grupo vencedor. O período de

domínio colonial na África foi marcado por forte imposição de valores culturais que se chocaram com a cultura africana e, assim, com a religião africana ancestral, que sempre esteve ligada a todos os aspectos da existência.

Ao longo do período do colonialismo na África, a religião mostrou-se um modo de dominação da sociedade, por meio da imposição e conversão ao cristianismo pelos missionários. Nessa visão, a religiosidade encontrava-se dissociada dos demais aspectos da vida, opondo-se as bases da cultura africana. Para enfraquecer o elemento que era a base das sociedades africanas, os missionários e os administradores coloniais pregavam contra a crença nos espíritos, nos rituais, na feitiçaria, no culto aos antepassados, de um modo geral em todas as crenças já estabelecidas nas comunidades locais.

Algumas práticas rituais foram alvo de perseguição, como a fé na feitiçaria, e a oposição aos ritos de iniciação. A iniciação era uma forma de socialização, preparava os jovens para a vida adulta e para a incorporação a comunidade. A religião foi uma forma de resistência ao domínio colonial, algumas crenças da religião ancestral foram integradas a fé cristã, o cristianismo complementava as práticas da religião ancestral, criando um cristianismo africano singular.

Outra forma de resistência também pode ser vista na criação de igrejas independentes, distintas das igrejas missionárias controladas pelos europeus. Nessas igrejas independentes noções religiosas africanas eram incluídas nas liturgias cristãs, objetivando um lugar comum (OPOKU, 2010).

2.7 Conclusão

Diante do exposto, buscou-se vislumbrar alguns dos principais traços da religião africana ancestral, mostrando a sua relação com a cultura africana e com a sociedade de forma geral, tendo em vista que a religiosidade se atrela a visão de mundo e ao convívio social. O pensamento religioso baseia-se no suporte da vida, na crença da interação entre o mundo visível e o mundo espiritual, com a finalidade do equilíbrio entre essa ponte. O indivíduo busca assegurar à fortuna e sanar suas aflições, por meio do culto as divindades e aos ancestrais. Os ancestrais e as deidades que habitam o plano espiritual podem tanto causar benefícios quanto prejudicar os seres humanos, desse modo o indivíduo tem suas obrigações marcadas na vida social.

A quebra de tabus é um fator de extrema relevância para a explicação dos infortúnios recaídos sobre a comunidade. Vale ressaltar que o olhar está voltado em particular para a

concepção da natureza de Deus e a criação do universo, a concepção do homem e seus princípios vitais e a visão do sobrenatural na cosmologia africana. O conceito de feitiçaria e bruxaria assentou-se na lógica das religiões de cultura africana, essas concepções divergem da visão ocidental e do modo como é tratado no cristianismo. A feitiçaria e a bruxaria são explicações para o infortúnio. A diversidade e riqueza da cultura africana é o grande ponto a ser valorizado e destacado, tendo em vista que “[...] hoje em dia, a maioria dos africanos, quer eles sejam ou não convertidos ao islamismo ou ao cristianismo, ainda compartilha as crenças de seus ancestrais numa ontologia dos seres invisíveis” (APPIAH, 1997, p. 190).

Glossário

Agni: sociedade da África Ocidental.

Azande: a sociedade Azande se encontra na África Central, próximo a Zambia.

Iorubá: sociedade da África Ocidental, com comunidades presentes em sua grande maioria na Nigéria.

Senúfo: sociedade da África Ocidental.

Referências bibliográficas

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Tradução Vera Ribeiro, Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Edição resumida e introdução Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

HAMA. B.; KI- ZERBO. J. **Lugar da História na sociedade africana**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki- Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

HAMPATÉ BÂ. A. **A tradição Viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki- Zerbo.– 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

OPOKU. K. A. **A religião na África durante a época colonial**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/>. Acesso em 13 de Janeiro de 2016.

Questões sobre a temática

1. A partir da leitura do texto “Religiosidades Africanas” indique a relação entre religião africana ancestral e cultura africana.
2. Identifique na concepção da religião africana ancestral a forma como é visto o ser humano.
3. Discorra sobre os princípios vitais constitutivos do homem.
4. Aponte os significados e as diferenças entre feitiçaria e bruxaria para os Azande.

3 PORTFÓLIO

Histórias de vida e memória

Meu nome é Vanessa Luiz de Oliveira, no ano de 2015 concluí a graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Essa possibilidade de fazer a pós-graduação surgiu em um momento muito oportuno, pois meus objetivos sempre foram os de lecionar, e vejo nesse empreendimento uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos e estudos em África, que não foram muito explorados no ensino regular e tampouco durante a graduação. O curso abre um leque de possibilidades de trabalho sobre a África em sala de aula, além da vivência e compartilhamento de experiências entre docentes e alunos, e entre os próprios discentes. Essa possibilidade de troca de informação sobre o contexto de sala de aula é engrandecedora, as situações que muitos colegas vivem no âmbito do trabalho se identificam com outras vividas nas demais escolas. É muito importante perceber a individualidade de cada aluno e voltar o olhar para um estudo que é de certa forma o das nossas raízes.

Quando cursei o ensino fundamental não tive um conteúdo de história voltado para a temática do continente africano. Na quinta série, que hoje equivale ao sexto ano, essa abordagem era voltada para o Egito antigo, e depois no conteúdo de história do Brasil estudei um pouco de África relacionado com o período da escravidão e do tráfico de escravos para o Brasil. Ao longo dos anos no ensino médio, vimos um pouco sobre o Imperialismo e a divisão da África, entretanto, a segregação racial e o apartheid ganharam foco. Na graduação em algumas disciplinas se fala um pouco de África, mas até o momento em que estava no curso não existia uma disciplina fixa/obrigatória de História da África na grade curricular, funcionava apenas como tópico especial ou matéria eletiva.

Minha experiência com a docência ainda está restrita ao estágio, feito durante o ano de 2014, no Colégio de aplicação João XXIII, e a partir da mesma ficou claro que o professor de história, assim como nas outras áreas, cada vez mais tem que estar atento ao aluno de forma individual e trazer para sala de aula discussões que o façam questionar e ver o conhecimento diferentemente de algo dado. Como aluna, sempre notei determinado desconforto dos professores ao falarem das temáticas africanas, e me incomodava o fato do conteúdo estar sempre restrito a escravidão e ao tráfico de escravos. Vejo em nossa sociedade tantos aspectos herdados da cultura africana que não são destacados e valorizados, o saber propicia laços de

pertencimento que devem ser aflorados no âmbito escolar. Sempre notei ao longo de minha trajetória, que ao falar de temas a respeito da escravidão, os alunos negros não se sentiam a vontade, assim como os professores que tive nos anos iniciais. Como é comum entre crianças e adolescentes, sempre surgem brincadeiras e piadas entre si, mas tenho a concepção de que tudo deve ser trabalhado dentro da sala de aula, o modo como cada um se vê e enxerga o outro, a riqueza das diferenças. Quero muito aprofundar meus estudos nas temáticas africanas para entender e trabalhar esse conteúdo com outro viés, lançar um olhar diferente e proporcionar para os meus futuros alunos essa experiência.

Meus principais objetos de estudo até o momento ficaram mais restritos a História oral e a memória, onde participei como bolsista de dois projetos de extensão: PROEXT – Memória ferroviária (Abril 2013 – Nov. 2013) e Memórias possíveis - os depoimentos da Comissão Municipal da Verdade (Julho 2014 – Setembro 2015). Tenho grande interesse no estudo de história da África e a oferta do curso aplicando esse conteúdo a prática escolar foi o fator ímpar que despertou meu interesse para pleitear uma vaga. Quero primordialmente engrandecer meus conhecimentos e bagagem curricular, pois o mercado de trabalho exige um diferencial do professor, além disso, me preparar para saber trabalhar e valorizar essa temática com meus alunos de forma consciente, fazendo-os questionar, desconstruir o que é dado, formar sujeitos críticos. Após a especialização tenho objetivo de dar prosseguimento no estudo da África com conexão à temática da educação e ensino de História.

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Entrar na especialização em História da África foi, e tem sido uma experiência ímpar para minha formação. Num primeiro momento meu interesse era pessoal, pela temática e abordagem oferecida pelo curso. A tendência do programa da pós, voltado para a área da educação também foi o que despertou ainda mais minha vontade de fazer parte desse estudo. A cada módulo proposto no currículo da pós, novas temáticas foram discutidas e um horizonte de possibilidades se abria. O conhecimento difundido, debates e discussões em sala de aula, têm me despertado cada vez mais a vontade de desconstruir, questionar, pesquisar e aprender como discente e docente, as novas perspectivas e abordagens sobre a história e cultura do continente africano.

No módulo “Representações sobre a África”, o enfoque consistiu em refletir sobre as representações acerca da África e dos africanos em diferentes contextos históricos no Brasil e no mundo. A grande questão levantada no módulo incidiu sobre a importância do estudo da história da África. Analisando o que foi ilustrado em sala de aula percebo o quanto meu conhecimento sobre o continente é deficitário. As discussões levantadas no âmbito do curso deixou nítido para eu ver que esse quadro de ensino não mudou desde minha formação no ensino regular. Muitos ainda não percebem a África como um continente diverso e heterogêneo, formado por diversos países, e neles faladas diversas línguas, com uma cultura riquíssima que requer um estudo mais aprofundado.

A própria espacialidade do continente é de certa forma encoberta. Ao fazer uso do mapa vivenciei o vasto território e a variedade de países nunca antes nem se quer vislumbrados em minhas concepções. A partir das análises das teorias raciais e seus efeitos nas sociedades emerge uma discussão importante para compreender como o imaginário em relação ao continente africano foi construído e ressignificado ao longo do tempo, como as representações sobre a África no Brasil foram forjadas, aparecendo quase sempre de forma depreciativa, como um lugar associado à selvageria e homogeneidade. As imagens sobre o continente africano estão vinculadas com o aparelho ideológico, esse imaginário é construído por determinado grupo para justificar a dominação política. O simples exercício de pensar essa lógica nos faz questionar uma série de outras questões na sociedade, abrindo para um leque de discussão mais amplo, abrangendo alguns conceitos como os de raça/racismo/racialismo. Esse módulo me fez perceber a retórica por meio da qual eu percebo a África, qual o meu entendimento sobre o continente. A partir dessa percepção foi possível

elaborar as seguintes questões: qual imagem da África está associada na minha mente, quais conhecimentos adquiridos durante minha trajetória escolar? Uma série de questionamentos veio à tona e projeções de pesquisas futuras, além de cada vez mais aumentar a minha vontade de saber.

O segundo módulo “Memória, identidade e cultura escolar” discutiu a problemática dos currículos escolares e a implementação da Lei 11.645, problematizando os eixos memória e identidade, bem como cultura escolar e currículos. As trocas de experiências vivenciadas durante o módulo foram extraordinárias. A temática da memória é um recorte de estudo que tenho afinidade desde a graduação, onde fiz uma disciplina de tópicos especiais com foco nesse objeto, e um projeto de extensão voltado para o campo da memória e história oral. Dessa forma foi prazeroso rever alguns textos já lidos, com um enfoque diverso, agora visando às práticas escolares em movimento e a cultura escolar. As implicações das relações entre currículos e as relações de memória e pertencimento dentro da escola discutidas em sala e a reflexão acerca dos nossos movimentos cotidianos e as relações de invisibilidade no ambiente escolar, foram norteadas por várias falas de colegas de turma compartilhando experiências que todos se identificaram.

Os módulos III, IV e V têm sido esclarecedores de um modo geral, a cada aula as perspectivas aumentam em relação à próxima abordagem. As aulas foram marcantes e nesse sentido a cada temática discutida surgem novas intenções de estudos mais aprofundados e minuciosos. Gostaria de elencar apenas alguns pontos que me chamaram atenção nesses módulos, como perceber o quanto temos da cultura africana na nossa sociedade, as influências culturais, religiosas, na oralidade... conhecer mais de perto o continente africano, sua espacialidade, o processo de islamização em determinadas regiões, a colonização na África e os processos de independência, trouxe uma série de outras indagações. A aula sobre o tráfico de escravizados no módulo IV me fez pensar diversas questões, e o simples exercício, proposto pela professora Vanicléia, de desenhar o contorno do mapa do continente africano e delimitar espacialmente os países que conhecíamos e que participaram do tráfico de escravos, demonstrou o meu desconhecimento geográfico, estou cursando uma especialização sobre história da África e conhecia minimamente o mapa do continente. A cada aula surgem novas implicações e questionamentos, a experiência tem sido enriquecedora. Como ainda não atuo como professora, minha vontade é cada vez mais me especializar, aprender, compartilhar, me qualificar para dividir com meus alunos essa experiência.

Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas

Essa terceira parte do portfólio sob a minha perspectiva, é a parte mais complexa para dar andamento ao trabalho. Ainda não atuo como professora em sala de aula e minha experiência com a docência está restrita ao estágio feito durante a graduação, tenho muitas projeções e ideias para serem colocadas em prática, mas de certa forma o que pensamos nunca sai como o planejado, ensinar é um exercício de troca de experiências e aprendizado de ambas as partes. Desse modo, a proposta nesse contexto será a partir de alguns eixos de estudo que tem me chamado mais atenção nas aulas da pós graduação, e que pretendo estudar mais a fundo em sala de aula, como professora, ou pessoalmente, para minha formação.

As aulas da especialização em História da África têm sido satisfatoriamente enriquecedoras, como fiz a graduação em História é de certa forma, até difícil escolher determinado tema para o desenvolvimento da intervenção pedagógica a ser entregue ao final do curso. Os últimos temas tratados no módulo atualmente abordado tem despertado muito meu interesse. Constantemente penso em fazer o estudo sobre as sociedades africanas, a partir dos aspectos religiosos. O panorama dado nas aulas foi extenso, contemplando os processos de islamização na África, o cristianismo e as religiões neopentecostais. A aula da temática de estudo da História da África nos séculos XIX e XX, através de fontes e instituições missionárias cristãs, através dessas fontes podemos compreender aspectos da vida pública e das trajetórias das sociedades africanas. O cristianismo africano é o foco na análise dessas fontes, podemos ver as resistências e conquistas africanas no âmbito religioso, cultural e político. Gostaria de aprofundar o estudo desse cristianismo em determinados países na África e das sociedades africanas no período pós-colonial.

Uma intervenção em sala de aula que gostaria de propor seria um projeto multidisciplinar, abordando nas diversas áreas do conhecimento o conteúdo visto nas aulas da especialização. Tenho projetado a possibilidade de mesmo que de forma mais abrangente trabalhar alguns conceitos estudados nessa formação. Gostaria de produzir um estudo que englobasse as diversas séries do ensino regular, que não fosse especificamente para determinado ano/série, adaptando a linguagem e abordagem utilizada. É interessante primeiramente situar para os alunos o continente africano, sua espacialidade, diversidade e riqueza cultural e linguística, heterogeneidade, ilustrar que a “África é o berço da humanidade, da família, da vida coletiva, das migrações, da arte, da metalurgia, da agricultura e dos Impérios”. E nesse contexto pegar um gancho com o Brasil, mostrar a importância e

influência da cultura africana na formação do país, religiosidades, musicalidade, desconstruindo estereótipos. Gostei muito do exercício proposto na aula da professora Vanicléia, de desenhar o contorno do mapa do continente africano, situar os pontos cardeais, o Oceano Atlântico, Oceano Índico, Mar Mediterrâneo e tentar por si só delimitar os países e nomear aqueles que conhecíamos. Essa atividade denotou meu total desconhecimento de várias regiões e até mesmo saber situar os países que eu conhecia no mapa, as regiões que participaram do tráfico de escravizados. Gostaria de colocar em prática esse exercício com meus alunos, para mostrar a enormidade do continente, formado por 54 países, falar do tráfico de escravizados para o Brasil, pensar no impacto do tráfico de escravos para as sociedades africanas e no impacto para as Américas, pensando nos africanos como formadores da América, seja referente a tecnologias e conhecimentos fundamentais nessa formação.

De um modo geral, tenho pensado em alguns temas para trabalhar com os alunos entre o sexto e nono ano, lembrando que é ainda apenas um esboço de projetos/ideias para futuras aulas, necessitando de amadurecimento. A visão que temos de nós mesmos implica muito na forma como vemos o outro, se impõe um padrão a ser seguido nas diversas instâncias da vida e acabamos fazendo comparações com os demais. O conceito de memória me chama muita atenção, a forma como é visto nas sociedades ocidentais e como é entendido nas sociedades africanas. Minha proposta seria trabalhar essa questão da memória com o sétimo ano, utilizando duas aulas. Primeiramente ver o entendimento deles do conceito de memória, conversar a respeito, ilustrar a etimologia da palavra, fazendo um link com as sociedades africanas, de como a memória e a tradição da palavra é preservada. Nas sociedades africanas os velhos são muito respeitados, a figura do contador de histórias, daquele que guarda as memórias se configura na imagem do Griot. A partir disso, gostaria de pegar alguns eixos e refletir com a turma determinadas questões, “valores” africanos, como o papel da memória viva “conhecimento de boca a ouvido”. Trabalhar a ligação entre a pessoa e a palavra, a função da memória, da fala como meio de comunicação diária e preservação da sabedoria dos ancestrais, e por fim trazer para a discussão essa concepção de história: “O homem é um animal histórico. O africano não escapa a esta definição. Como em toda parte ele faz sua história e tem uma concepção dessa história”, desconstruindo a ideia de primitivismo e atraso no continente, disseminada no contexto colonial. Gostaria de passar um filme para ilustrar o papel do Griot, a produção “A herança de um Griot” foi indicada em uma discussão no curso.

Uma aula que também tenho em mente, seria trabalhar a questão racial no Brasil e nos EUA, pontuando a luta dos negros por direitos civis e os movimentos sociais, fazer uma

discussão com termos chave como: relações étnico-raciais e sociais, preconceito, resistência, Movimento Negro, partindo da atualidade, de tantas formas de discriminação.

Proposta temática para a elaboração de recurso didático

Como discutido durante a especialização sobre os imaginários e alguns estereótipos vinculados ao continente africano ao longo da história, como a associação a selvageria, barbaridade, atraso intelectual, generalizações e esquemas simplificados, uma série de questões vieram ao debate, e principalmente como trabalhar a História da África na sala de aula, como desconstruir tais visões estereotipadas e lidar com o preconceito. A partir dessa perspectiva a temática religiosa me chamou atenção nas aulas ministradas no curso, primeiramente a abordagem da professora Patrícia Teixeira Santos me intrigou muito, ao trazer a discussão das missões em África, do papel dos missionários e a importância dos relatos para a pesquisa, além de ilustrar o cristianismo africano singular e ressignificado, e como os sul-africanos recebem o catolicismo, mas não abrem mão do culto ancestral. Achei formidável a maneira como uma missa em rito Zaireense e o culto ancestral acontecem dentro de um mesmo espaço. Na sequência as aulas sobre Religiosidades Afro-brasileiras ou de matriz africana, dadas pelo professor Luiz Nicolau, e a aula do professor Marcos Dias Coelho, que trabalhou com a religião africana ancestral, sua ligação à cultura africana e presença em todos os seus setores, me atentaram para essas questões.

Tendo como base/influência essas aulas e alguns textos indicados pelos professores, como o artigo “O processo de ‘nagoização’ no Candomblé baiano” do professor Luiz Nicolau Parés, o tema que proponho para o recurso didático são as religiosidades africanas e de matrizes africanas, no caso do Brasil. Gostaria de levar para sala de aula essa temática que muitas vezes é vista com preconceito, seja ele pelo desconhecimento e por falta de confronto com dados consistentes de pesquisa sobre as religiões africanas e a maioria das religiões afro-brasileiras. A princípio, minha intenção é fazer um texto contemplando alguns aspectos vistos durante a especialização como:

- Práticas religiosas como interações entre “este mundo” e o “outro mundo” (habitado pelas entidades espirituais);
- Caráter dos rituais - realizados com a intenção de estabelecer uma comunicação com o “outro mundo”, visando modificar alguma situação;
- Ênfase da religião africana em sustentar a vida, sob a lógica fortuna/ infortúnio;

- Conceitos de magia e feitiçaria;
- Pluralidade das religiões na África, novas permutações e combinações; desdobramento dessas práticas religiosas de matrizes africanas no Brasil, visto que são muitas “Áfricas” diversas no Brasil, diferentes em suas origens, resultantes de misturas e contatos.

O suporte que pensei seria um capítulo de livro, ou anexo complementar, uma pequena apostila, com a função de ser um recurso de pesquisa, um apoio para os professores tratarem do tema. O material é proposto para o nível fundamental.

Considerações finais

A especialização em História da África foi engrandecedora em termos de aprendizado, o contato com diversos estudiosos e pesquisadores da área foi de extrema importância para abrir caminhos para se pensar o estudo da África em diversas frentes de pesquisa. Surpreendi-me ao ter afinidade com tantos temas tratados nas aulas, despontou uma vontade de aprofundar o estudo em determinados aspectos, percebo claramente que a aprendizagem não se deu apenas no campo teórico, mas na mentalidade e no sentimento de pertencimento a essa história. Percebo uma mudança na minha visão sobre o continente africano e sobre o Brasil também, apesar de já ter noção das influências africanas na formação social e cultural do país, foi interessante ver como isso nos perpassa de forma profunda, não somente pela ótica da escravidão e da miscigenação presente no Brasil, mas com relação às semelhanças atuais com países africanos.

Minha intenção com a oportunidade de fazer a especialização era me qualificar para atuar em sala de aula, atrelado a temática pela qual já tinha interesse. Ao longo da pós-graduação pude rever aspectos importantes do meu dia-a-dia que passavam despercebidos aos meus olhos, muitas vezes pela grande carga de informações que estamos sujeitos a todo o momento. A questão do preconceito racial é um dos pontos que muitas vezes não é expresso de forma clara, e as discussões com a turma foram muito importantes para ilustrar a realidade e como essa situação é mascarada pela sociedade.

A escrita do portfólio foi determinante para reflexão das aulas, da experiência e vivência do curso. O modo como foi proposto o portfólio, como uma escrita de si mesmo, foi uma oportunidade de acentuar a individualidade e compreensão do conteúdo, a partir da trajetória de cada um. Os seminários ao final de cada módulo do curso foram muito importantes para discutir as questões trabalhadas no módulo finalizado, a escrita de cada parte do trabalho foi acompanhada de esclarecimentos e instruções valiosas. A divisão em partes me ajudou muito a escrever e pensar o conteúdo discutido, na primeira parte do memorial foi muito interessante escrever sobre a minha experiência pessoal, minha trajetória escolar, rememorar e refletir questões que me marcaram. A parte que tive mais dificuldade foi a de pensar ações para serem empreendidas no cotidiano escolar, pelo fato de ainda não lecionar tive um pouco de timidez ao escrever o que eu penso em desenvolver, gostaria de ter a oportunidade de ir introduzindo algumas questões trabalhadas em sala de aula, para perceber como esse conteúdo é recebido pelos alunos. A orientação da professora Daiana Vieira foi de

extrema importância para o desenvolvimento do portfólio, com esclarecimento das dúvidas, propostas e caminhos para a escrita do trabalho.

